

“Perigo amarelo”: a disputa pela hegemonia global e o fantasma do racismo

MILENA L. S. SARTÓRIO E SOFIA HARUMI

“É inevitável que haja discordância e contradições entre os países, mas elas devem ser resolvidas mediante diálogo e cooperação com base na igualdade e respeito mútuo.”

(Xi Jinping, 2023)

É imprescindível reconhecer que o Ocidente, em especial os Estados Unidos da América, sempre retratou a Ásia como um local de extrema estranheza e de hábitos anormais. Além disso, a recente ascensão da China como potência global tem provocado transformações significativas nas dinâmicas do Sistema Internacional, desafiando antigas hierarquias estabelecidas pelo Ocidente. Com efeito, seu crescimento econômico acelerado, seus avanços tecnológicos expressivos e sua crescente projeção cultural fizeram com que a China deixasse de ocupar apenas o papel de “fábrica do mundo” para tornar-se um ator estratégico de primeira ordem no século XXI. Nesse sentido, os discursos e narrativas ocidentais passam por reformulações, reativando símbolos históricos de resistência à ascensão asiática.

Dentre essas narrativas, ressurgiu o conceito do “perigo amarelo” – uma construção orientalista e racializada que representa a China como ameaça à ordem ocidental e à hegemonia global vigente, carregada de preconceitos raciais e utilizada como instrumento simbólico para conter a projeção chinesa. Diante disso, este trabalho propõe uma análise crítica sobre o renascimento dessa ideia, considerando-a como uma possível reação à erosão da hegemonia norte-americana. Para isso, discute-se o crescimento chinês nos campos econômico, tecnológico e cultural, bem como as implicações geopolíticas dessas transformações e a forma como elas reconfiguram o imaginário coletivo ocidental sobre a Ásia.

Política chinesa e seus princípios

O filósofo político Zhao Tingyang (2006) argumenta que em seus mais de mil anos de existência, a política chinesa tende a preferir diálogos diplomáticos antes de escalar para confrontos violentos. Nesse sentido, ele argumenta que, historicamente, a China possui uma relação com os seus vizinhos muito diferente do Ocidente, preferindo a paz e a estabilidade em detrimento da guerra e da violência. Um dos conceitos políticos mais famosos durante o período imperial para o multilateralismo chinês é o Tianxia (tudo abaixo dos céus, tradução nossa). Esse termo se baseia na ideia da criação de uma "forma altruísta de unidade mundial" apoiada por uma "hierarquia global". Nessa concepção, a ordem é mais bem vista que a liberdade, a ética está acima da lei e a elite de governança acima da democracia e dos direitos humanos (Tingyang, 2006). Tingyang define o Tianxia como algo que transcende o modelo westfaliano de Estados-nação soberanos e conflituosos. Ao invés de uma política baseada em competições e interesses nacionais, o Tianxia possui uma visão de mundo em que todas as partes são interdependentes e co-responsáveis pela harmonia global.

Segundo John Mearsheimer (2001), toda nação busca a sua sobrevivência de diversas formas, como com a hegemonia regional, por meio da superioridade nuclear ou da riqueza econômica, e a China possui uma peculiaridade neste aspecto. Isso porque, em consonância com o realismo ofensivo defendido por Mearsheimer, sua trajetória aponta para uma tentativa clara de expansão de sua influência regional com vistas a se tornar dominante na Ásia. Ao longo dos anos, a China consolidou-se gradualmente como a maior produtora e exportadora do mundo. Após a pandemia de Covid-19, a aceleração da economia digital e o crescimento tecnológico reforçaram essa posição, tornando difícil encontrar produtos que não tenham alguma etapa de produção na China (Wu, 2021). Ironicamente, até mesmo os itens ligados ao movimento "Make America Great Again", de Trump, são fabricados no país, apesar da retórica contrária. (BBC, 2025).

Um aspecto importante sobre a possível hegemonia chinesa é a sua tentativa de inserção cultural ao redor do mundo. Com o banimento da rede social TikTok nos EUA no início de 2025, a maioria de seus antigos usuários migraram para a rede também chinesa, o Xiaohongshu (livrinho vermelho, tradução nossa). Por mais que boa parte dos usuários que migraram para o aplicativo tenha feito isso

com o intuito de “zombar” do governo estadunidense, essa migração fez com que a cultura chinesa fosse amplamente disseminada, principalmente no contexto da juventude estadunidense (BBC, 2025).

Ademais, a recente disseminação transnacional dos microdramas chineses consolida-se como um fenômeno midiático distintivo, revelando uma estratégia renovada de inserção cultural chinesa no panorama audiovisual internacional. Embora muitas plataformas de distribuição operem sob jurisdições extraterritoriais, sua genealogia produtiva permanece profundamente vinculada ao ecossistema cultural chinês, materializada não apenas pela predominância do mandarim como língua original (posteriormente adaptada por meio de processos de dublagem), mas também pela composição intercultural das equipes de produção, que amalgamam profissionais chineses e ocidentais.

Essa dinâmica operacional configura um mecanismo sofisticado de soft power, no qual a China transcende a exportação de bens tecnológicos para projetar paradigmas de entretenimento que redefinem práticas de consumo audiovisual em escala global. A eficácia desse modelo não reside apenas em sua viabilidade econômica, mas também na gradual legitimação de uma estética narrativa chinesa em mercados tradicionalmente dominados por hegemonias culturais ocidentais. Assim, os microdramas emergem não apenas como produtos midiáticos, mas como artefatos de uma diplomacia cultural que ressignifica a presença da China no imaginário global (BBC, 2025).

O que foi o “perigo amarelo” e quais suas implicações na atualidade?

O temor pelo diferente e o distanciamento do “outro” surge, a partir de uma análise antropológica, pela separação entre “nós e eles”. Sendo uma consequência do conceito moderno de cultura e moldado por uma ideia de hierarquia (Abu-Lughod, 1991), há ênfase em uma perspectiva, por muitas vezes, eurocêntrica, como o “outro” não-ocidental. Dessa maneira, o conceito de “orientalismo” desenvolvido por Edward Said (2007) descreve de que maneira o Ocidente constrói narrativas que causam um distanciamento de países asiáticos, criando uma ideia de estranheza e exotismo. Sobre isso, a construção do chamado mito do

“Perigo Amarelo” (*die gelbe Gefahr* em alemão) tem suas origens na Alemanha, no contexto de medo pela ameaça da dominação do mundo moderno pelo “extremo oriente” (Shimabuko, 2016).

Sua origem é vinculada inicialmente ao imperador alemão Guilherme II que, em 1895 alertou sobre a “Grande Raça Amarela” em cartas ao czar Nicolau II, reforçando a ideia de uma ameaça asiática à supremacia branca. Assim, países como China e Japão foram hostilizados e usados como justificativa para políticas imperialistas, como o Ato de Exclusão de Chineses (EUA, 1882), aplicada com referência à tensão entre a escalada oriental na política e na economia internacional (Shimabuko, 2016). Durante a era digital, as concepções humanas e estratégias de dominação também foram transferidas para as mídias. A manobra dos EUA para construir uma imagem específica de seu país ao longo dos anos permanece na atualidade com a manipulação de informações com o fito de realocar narrativas. Nessa lógica, durante a pandemia do coronavírus, por exemplo, o estereótipo negativo atrelado à Ásia, sobretudo à China, veio à tona de maneira evidente.

“Povo sujo, porco e pouco confiável” foi a descrição utilizada frequentemente para caracterizar uma nação, reacendendo a ideia do perigo amarelo sob uma ótica racista e estratégica. A exemplo disso, pode-se citar o caso idosa de 75 anos indiciada por racismo e injúria contra uma estudante chamada de “chinesa porca” no Rio de Janeiro, no início de 2020 (G1, 2020), evidenciando de que maneira o racismo contra amarelos foi disseminado durante a pandemia. Ademais, em um discurso pré-gravado para a Assembleia Geral da ONU, no dia 22 de setembro de 2020, o presidente dos EUA, Donald Trump, em uma “disputa de narrativas sobre os esforços para conter a pandemia do novo coronavírus” (BBC, 2020), referiu-se à doença como “o vírus chinês”. Por esse motivo, cabe a interpretação de que o controle da narrativa contra asiáticos e, sobretudo, anti-China foi aproveitado em discursos políticos dentro do contexto pandêmico, sendo uma forma clara de expressão do perigo amarelo como estratégia geopolítica para a manutenção do domínio hegemônico estadunidense.

Ainda sobre a ideia do uso atual do termo perigo amarelo, países que antes viam seu poder ameaçado pela ascensão econômica, cultural ou militar de países orientais agora obtêm oportunidades reinventadas pelo avanço na comunicação humana para reafirmar desconfianças quanto aos Estados emergentes. A estratégia política de manter hegemonias pela via do conteúdo audiovisual,

principalmente como vetor de dominação dos EUA, promove uma consolidação das hierarquias globais (Schiller, 1969).

Perigo amarelo como estratégia adotada pelos EUA para manter sua hegemonia cultural

Para promover e perpetuar a hierarquia internacional e a hegemonia construída pelos EUA, o país utiliza de métodos para manutenção da hegemonia cultural. Por muitas vezes, esses fatores estiveram pautados também na desaglutinação entre eventos negativos (escândalos políticos, crises sanitárias, intervenções militares) e a identidade nacional do país, preservando uma imagem positiva como nação excepcional. Enquanto isso, outros países (como China e nações asiáticas) são homogeneizados com estereótipos culturais e racializados quando enfrentam crises similares. Ainda que, na prática, os EUA tenham frequentes intervenções em conflitos e regimes, além de retiradas de acordos internacionais importantes, como o anúncio da saída do acordo de Paris, em 2025, (G1, 2025) sua imagem global permanece relativamente intacta. Isso se dá pelo domínio do discurso que, para o autor Antônio Gramsci, relaciona-se com o fato de que os meios de comunicação de massa ampliaram as possibilidades de conformação ao modo de pensar e de viver dominantes, operando como grandes mecanismos desmobilizadores das massas (Schlesener, 2013).

Nesse sentido, o autor Samuel Huntington em seu texto *"Who Are We? The Challenges to America's National Identity"* (2004), analisa como os EUA reforçam sua identidade por meio de mitos do excepcionalismo e criam narrativas. Ele utiliza como exemplo a invasão ao Iraque, em 2003, que foi justificada como "democratização", não como imperialismo e, mesmo com o fracasso, os EUA mantiveram a imagem de "promotores da liberdade". Em contrapartida, quando países asiáticos protagonizam crises, a narrativa internacional tende a enquadrá-los como fontes de ameaça, sem a mesma leniência. Como exemplo disso, pode-se citar a Iniciativa do Cinturão e Rota (BRI) ou, simplesmente, "A Nova Rota da Seda", sistematicamente vista de maneira negativa como um imperialismo econômico ou uma "armadilha de endividamento" mesmo sendo um projeto com a premissa de cooperação mútua, como a matéria do *The Economist* que aborda críticas aos

empréstimos chineses no contexto da BRI (the economist, 2024).

Além disso, ainda sobre a questão do excepcionalismo, é possível contrastar o banimento do tiktok com o caso de Edward Snowden. Em 2013, o indivíduo em questão, contratado da CIA, vazou para a mídia detalhes sobre a extensa vigilância da internet e de telefones pela inteligência americana. O mesmo também compartilhou que a NSA conduziu diversas incursões direcionadas a alvos localizados em Hong Kong e na China continental, que em sua maioria são faculdades, autoridades públicas e empresas (SILVA, 2022). Nesse sentido, os EUA declararam acusações de espionagem contra a China em relação ao TikToke, em contrapartida, corroboram de maneira evidente com práticas semelhantes às acusações, reafirmando o argumento do excepcionalismo estadunidense. Por outro lado e, em outro contexto, a COVID-19 escancarou estereótipos raciais contra asiáticos pelo mundo e, em contrapartida, surtos como o H1N1, originado nos EUA e México (história hoje, 2024), não geraram estigmatização equivalente. Conforme a BBC Brasil (2020), os ataques racistas a asiáticos aumentaram durante a pandemia, e o surto espalhou antigos preconceitos sobre a China, sobretudo sobre seus hábitos alimentares e a estigmatização comportamental.

Em sequência à essa abordagem, entende-se que, a partir da visão sobre a conceituação de hegemonia desenvolvido por Antonio Gramsci e Martin Carnoy, ideologias e práticas propagadas por instituições como a mídia e as escolas são vetores fundamentais para a construção e manutenção da chamada hegemonia cultural. Essa ideia conceitual abre a interpretação para o fato de que práticas ideológicas propagam e participam da estabilidade da hegemonia de uma nação (Carnoy, 1994). Nessa lógica, ao longo dos anos, os Estados Unidos utilizaram de estratégias como o “American Dream” (Sonho Americano, tradução nossa), um ideal de que os “Estados Unidos são uma terra de oportunidades que permite a possibilidade de mobilidade ascendente, liberdade e igualdade para pessoas de todas as classes que trabalham duro e têm vontade de vencer” (enciclopédia britânica, 2025, p.1) para manter a imagem positiva do país como “berço da liberdade e da democracia”.

Enquanto isso, em contrapartida, os EUA utilizam da mesma premissa para propagar também uma imagem negativa de países em ascensão. A exemplo disso, pode-se citar inúmeros vestígios atrelados à mídia e à cultura, mas o

caso das histórias em quadrinhos (HQs) estadunidenses despertam ainda mais a atenção. Isso porque, principalmente durante a Segunda Guerra Mundial (1939–1945), a produção de quadrinhos pelos Estados Unidos representava um dos principais elementos atrelados ao discurso antinipônico do país, devido à hipotética ameaça imperialista e militar do governo japonês no período (André, 2014).

Esse fato evidencia ainda mais o uso de estratégias atreladas ao soft power (Nye, 1990) e ilumina o entendimento das atuais políticas para contenção da China, principal ator internacional ao contestar a hegemonia estadunidense. Na atualidade, principalmente após os anos 2000, a dominação cultural e a ideia do perigo amarelo se expressa mais pelo âmbito das redes sociais do que em meios como as HQs, todavia ainda sob um viés de controle de narrativas, como na propagação de vídeos com o intuito de perpetuar preconceitos consolidados sobre a China e países “orientais” (BBC, 2020).

Queda hegemônica dos EUA e dificuldades para a ascensão da China

Após 1999, com o fim da guerra, os Estados Unidos consolidou-se como a maior potência global, com uma gigante máquina militar e um extenso poderio econômico (De Almeida, 2010). Esse domínio, porém, foi viabilizado por déficits crônicos e endividamento crescente, especialmente em conflitos como Iraque e Afeganistão. Segundo Lazzarato (2017), essa estratégia de “guerras financiadas por dívida” permitiu projetar o poder global sem arcar imediatamente com os custos. Essa política, porém, gerou consequências a longo prazo, como o aumento expressivo da dívida pública norte-americana, que atingiu US\$36 trilhões no início de 2025 (TRADING ECONOMICS, 2025). A combinação de dívida explosiva, políticas protecionistas e uma disputa econômica sem vencedores claros, sugere que o modelo de dominação global dos EUA enfrenta desafios sem precedentes. Se Washington não revisar sua abordagem, arrisca acelerar seu próprio declínio relativo, em vez de contê-lo (IPEA, 2012).

Nesse contexto de crescente fragilidade fiscal e incertezas estratégicas, os Estados Unidos recorreram ao protecionismo econômico como tentativa de reverter

déficits comerciais e conter o avanço chinês. O ápice desse movimento ocorreu com o chamado "tarifaço", quando Washington impôs tarifas elevadas sobre cerca de US\$370 bilhões em produtos chineses, levando Pequim a retaliar com medidas similares (BBC BRASIL, 2025). Longe de reequilibrar a balança comercial, esse conflito gerou inflação, desorganizou cadeias de suprimentos globais e ampliou as tensões geopolíticas. Em resposta às tarifas impostas pelo presidente dos EUA, Donald Trump, o presidente chinês, Xi Jinping, reafirmou sua postura já expressa anos antes: "Nós, o povo chinês, não provocamos os outros, mas também não nos esquivamos dos problemas" (Xi, 2023, p. 87). Salvaguardando sua soberania e interesses de desenvolvimento, a China manteve firme sua posição frente às pressões estadunidenses (G1, 2025).

Enquanto os EUA enfrentam divisões políticas, crises fiscais e questionamentos sobre seu papel global, a China consolida sistematicamente sua ascensão por meio de investimentos em tecnologia, projeção de influência econômica e iniciativas geopolíticas de longo prazo. Reconhecendo os obstáculos na trajetória chinesa, seu modelo de desenvolvimento enfrenta testes significativos, como o envelhecimento populacional, tensões comerciais e a necessidade de reequilibrar sua economia (Xi, 2023). Nesse contexto, a grande questão não é se a ordem global mudará, mas como e quando. A nação que melhor conciliar crescimento interno com projeção estratégica de poder moldará o novo século. Os próximos anos serão decisivos para definir se os EUA conseguirão se reinventar ou se a China efetivamente ocupará seu lugar como principal ator global, pois o "perigo" afinal, pode não ser a China, mas sim a incapacidade de adaptar-se a um mundo que não gira exclusivamente em torno do eixo atlântico (JORNAL DA UNICAMP, 2025).

Considerações finais

Sob a ótica de autores como Mearsheimer (2001) e Gramsci (Carnoy 1994), para tornar-se um hegemon, fatores como poderio militar, econômico, nuclear e, principalmente, ideológico/cultural são de suma importância e, por esse motivo, tanto a ascensão quanto o declínio da hegemonia de determinadas nações se complexifica ao passo da multifatoriedade para estabelecer-se como potência global. Tanto para o declínio dos EUA, quanto para o progresso da China, no alcance como um adversário ou líder iminente, torna-se necessário a conquista de fatores estruturais (como a projeção de influência política e

cultural).

A China, como um país historicamente estigmatizado quanto à sua cultura, possui um adversário mais forte que o poderio militar e econômico estadunidense: a influência midiática e informacional quanto aos aspectos de sua nação e a visão negativa atrelada às suas práticas e forma de governo. Em uma era digital, o país asiático, a partir da conjuntura atual, lida com a identidade nacional norte-americana, consolidada mundialmente com o “American Dream”. O país lida com sua própria identidade “deturpada” por décadas de extrema estigmatização racial e propagação ideológica negativa.

A multipolarização do mundo e a difusão do poder entre diferentes instituições é uma realidade palpável, além da ideia de que a China, apesar dos inúmeros desafios históricos e afastamentos culturais, é um adversário eminente à conquista de poder e influência tanto regional quanto global (Montenegro, 2015). Conclui-se que, devido à queda de influência dos EUA em aspectos econômicos, militares e sociais pelo mundo, o mesmo aproveita-se de ideários atrelados ao conceito do “Perigo Amarelo” para reviver práticas preconceituosas à favor da contenção da escalada chinesa rumo à hegemonia e à uma ordem mundial multipolar.

Referências

A hegemonia planetária dos Estados Unidos está em declínio? **IPEA**. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2757:catid=28&Itemid=23. Acesso em: 23 jun. 2025. planetária dos Estados Unidos está em declínio? IPEA. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2757:catid=28&Itemid=23. Acesso em: 23 jun. 2025.

ABU-LUGHOD, L. Writing against culture. In: FOX, Richard G. (ed.). **Recapturing Anthropology: Working in the Present**. Santa Fe: School for American Research Press, p. 137-162, 1991

ANDRÉ, R. O perigo amarelo nas histórias em quadrinhos: Capitão América e discurso antinipônico nos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. **Domínios da Imagem**, v. 8, n. 16, p. 113-132, 2014.

CARNOY, M. Gramsci e o Estado. In: **CARNOY, Martin. Estado e Teoria Política**. Campinas: Papirus, 1994. Cap. 3, p. 71-104.

CORONAVÍRUS: os ataques racistas a asiáticos que surgiram com epidemia. **BBC News Brasil**, 30 jan. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-51305487>. Acesso em: 22 jun. 2025.

DE ALMEIDA, José Rubens Mascarenhas. **Hegemonia estadunidense: ascensão ou declínio?** Lutas Sociais, n. 24, p. 78-86, 2010.

HISTÓRIA HOJE: em 2009, pandemia do H1N1 era anunciada pela OMS. **Agência Brasil**, 11 jun. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/saude/audio/2024-06/historia-hoje-em-2009-pandemia-do-h1n1-era-anunciada-pela-oms>. Acesso em: 22 jun. 2025.

HUNTINGTON, S. P. **Who Are We?: The Challenges to America's National Identity**. Nova York: Simon & Schuster, 2004.

IDOSA de 75 anos é indiciada por racismo e injúria contra estudante de origem oriental no Rio. **G1**, Rio de Janeiro, 16 jul. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/07/16/idosa-de-75-anos-e-indiciada-por-racismo-e-injuria-contr-a-estudante-de-origem-oriental-no-rio.ghml>. Acesso em: 31 jul. 2025.

JINPING, X. Xi Jinping: A Governança da China. Pequim, China IV: **Foreign Languages Press**, v. 1, p.87-890, 2023.

Referências

LAZZARATO, M. **A política de guerra da dívida**. Entrevista concedida a Ricardo Machado. Tradução de Vanise Dresch. Instituto Humanitas Unisinos – IHU, São Leopoldo, 12 out. 2017. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br>. Acesso em: 22 jun. 2025.

MEARSHEIMER, J. **The Tragedy of Great Power Politics**. New York: WW. Norton, 2001

MONTENEGRO, R. H. Crise ou afirmação da hegemonia americana? Arrighi, Wallerstein, Fiori e Zakaria. **Estudos Internacionais: revista de relações internacionais da PUC Minas**, v. 3, n. 2, p. 247-265, 2015.

MOTA, C. V. Negócios de Trump “Made in China?”: os produtos endossados pelo presidente fabricados fora dos EUA. **BBC**, 24 jan. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c70k600z799o>. Acesso em: 31 jul. 2025.

MORGENTHAU, H. **A Política entre as Nações: a luta pelo poder e pela paz**. Brasília: Ed. UnB/IPRI, 2003 [1948].

NYE, J. S. Soft power. **Foreign policy**, n. 80, p. 153-171, 1990.

PILATI, J. I.; VIEIRA CANCELIER DE OLIVO, M. Um novo olhar sobre o Direito à privacidade: Caso Snowden e Pós-modernidade jurídica. **Seqüência estudos jurídicos e políticos**, v. 35, n. 69, p. 281, 2014.

PLANEJAMENTO de 30 anos trouxe China à elite da economia digital, afirma sociólogo da Universidade de Pequim. **JORNAL DA UNICAMP**. Disponível em: <https://jornal.unicamp.br/noticias/2025/03/21/planejamento-de-30-anos-trouxe-china-a-elite-da-economia-digital-afirma-sociologo-da-universidade-de-pequim/>. Acesso em: 23 jun. 2025.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Editora Companhia das Letras, 2007.

SCHILLER, Herbert I. **Mass communication and American empire**. New York: Augustus M. Kelley, 1969.

SCHLESENER, Anita Helena. HEGEMONIA E CULTURA: A DIMENSÃO POLÍTICA DA EDUCAÇÃO E A FORMAÇÃO ESCOLAR EM ANTONIO GRAMSCI. **Revista Novos Rumos**, Marília, SP, v. 50, n. 2, 2013. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/novosrumos/article/view/3466>. Acesso em: 31 jul. 2025.

SHIMABUKO, G. A. **A origem do Perigo Amarelo: orientalismo**,

Referências

colonialismo e a hegemonia euro-americana. Trabalho final de História Geral (Graduação). Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araraquara, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/36755027/A_origem_do_Perigo_Amarelo_orientalismo_colonialismo_e_a_hegemonia_euro_americana. Acesso em: 23 jun. 2025.

SILVA, M. G. T.; MELLO, A. C. R. DE.; NISHIJIMA, M. Traditional written media coverage and cybersecurity events: the NSA case. **Opinião Pública**, v. 28, n. 1, p. 268–291, jan. 2022.

SMANIOTTO, Edgar Indalecio. Uma análise do conceito antropológico do outro na obra do escritor Augusto Emílio Zaluar. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/66fcea02-f5a2-4a28-9508-5e7826aae8ec>. Acesso em: 23 junho 2025.

SONHO Americano. In: ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA. [S.l.], 17 jun. 2025. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/higher-education/The-system-of-higher-education-in-the-United-States>. Acesso em: 23 jun. 2025.

THE hidden cost of Chinese loans. **THE ECONOMIST**, Londres, 5 dez. 2024. Seção: Finance & economics. Disponível em: <https://www.economist.com/finance-and-economics/2024/12/05/the-hidden-cost-of-chinese-loans>. Acesso em: 31 ago. 2025.

TIKTOK users flock to Chinese app RedNote before US ban. **BBC**, 14 jan. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/articles/c2475l7zpqyo>. Acesso em: 22 jun. 2025.

TRUMP assina decreto para retirar EUA do Acordo de Paris; entenda impactos ao meio ambiente. **GI**, 20 jan. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2025/01/20/trump-decreto-saida-dos-eua-acordo-de-paris-impactos-meio-ambiente.ghtml>. Acesso em: 1 ago. 2025.

TRUMP x China: governo chinês retalia EUA com tarifa de 125% e dólar despenca em relação a moedas de outros países ricos. **BBC News Brasil**, 11 abr. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cqx4e22g8vzo>. Acesso em: 22 jun. 2025.

UNITED States government debt. **TRADING ECONOMICS**. Disponível em: <https://pt.tradingeconomics.com/united-states/government-debt#:~:text=janeiro%20de%201942.-,D%C3%ADvida%20do%20Governo%20nos%20>

Referências

VICE-MINISTRO da Cultura e Turismo da China participou da IV Reunião de Ministros da Cultura do BRICS. **Embaixada da República Popular da China**, 2 set. 2019. Disponível em: http://br.china-embassy.gov.cn/por/whjy/201911/t20191102_4467021.htm. Acesso em: 23 jun. 2025.

WU, F., Liu, G., Guo, N., Li, Z., & Deng, X. (2021). **The impact of COVID-19 on China's regional economies and industries**. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11442-021-1859-3>. Acesso em: 31 jul. 2025.

ZHANG, M. Episódios de 1 minuto: as microsséries chinesas que o mundo não consegue parar de ver. **BBC**, 6 jun. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cyvm07v8d5mo>. Acesso em: 04 ago. 2025.

ZHAO, T. Tianxia gainian yu shijie zhidu (The Concept of Tianxia and World System), in Qin Yaqing, **World Politics—Views from China: International Order**. Hong Kong: Peace Book, 2006, p. 3-46.